

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 15, Críticas à Resposta do Leitor

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Terminamos algumas sessões falando sobre abordagens de interpretação centradas no texto. Na última sessão, indiquei que passaríamos para uma faceta diferente do terceiro aspecto da comunicação, ou seja, abordagens centradas no leitor. Dissemos também que o estruturalismo, que era uma das abordagens características das abordagens críticas ou centradas no texto, deu lugar ao pós-estruturalismo, que manifesta preocupações para além do estruturalismo, e muitas vezes o pós-estruturalismo é identificado com abordagens mais pós-modernas para hermenêutica e interpretação bíblica.

Por exemplo, embora haja muito mais que se possa dizer para resumir, as abordagens pós-modernas da interpretação são frequentemente vistas como caracterizadas por uma série de coisas. Vou apenas destacar três deles. O número um é o pluralismo, o pluralismo hermenêutico na abordagem de um texto, isto é, na abordagem do conhecimento e do significado.

Ou seja, não há cosmovisão, nem crença religiosa, nem interpretação da realidade que surja como correta, mas em vez de uma hierarquia, há um efeito de nivelamento onde não há interpretação da realidade ou significado que surja como correto. Frequentemente, de acordo com as abordagens pós-modernas, o significado é frequentemente visto como poder e muitas vezes como o abuso de poder para afirmar que existe um significado correto. Há um efeito de nivelamento de que não há significado, abordagem ou interpretação correta.

Em segundo lugar, nas abordagens pós-modernas, uma das coisas que elas têm em comum é que o significado é visto como carregado de valores, ou seja, não existe

uma interpretação objetiva e neutra de um texto, mas traz-se as próprias predisposições e o próprio ponto de vista e a própria perspectiva para interpretar o texto bíblico, o que se valoriza, o que se encontra no texto, o que se deseja encontrar. E, em terceiro lugar, as comunidades de leitura moldam a nossa perspectiva e a forma como interpretamos os textos bíblicos. Então, novamente, a nossa cultura, as comunidades às quais pertencemos, inevitavelmente influenciarão e determinarão a maneira como lemos um texto bíblico.

Mas dentro das abordagens pós-modernas ou abordagens pós-estruturais à interpretação, quero, nesta secção, concentrar-me numa abordagem em particular que são as abordagens centradas no leitor, isto é, dissemos que para ensaiar novamente de uma forma histórica e lógica como a hermenêutica e a interpretação bíblica se desenvolveram. A hermenêutica avançou lógica e historicamente através das três facetas principais do processo de comunicação, começando com abordagens históricas e centradas no autor que enfatizam a produção do texto e o papel do autor na produção do texto. O objetivo era descobrir o significado pretendido pelo autor.

Como isso foi considerado irrecuperável, desnecessário ou mesmo impossível, o foco mudou para abordagens centradas no texto, onde o próprio texto se tornou o locus do significado. Mas, ainda assim, devido a algumas das dificuldades que cercam isso e ao fracasso em emergir qualquer metodologia como leitura central ou final ou significado de um texto ou leitura objetiva de um texto, isso deu lugar a abordagens centradas no leitor que nós vou começar a falar agora. Ou seja, o locus primário de significado é agora o leitor e a capacidade do leitor de interpretar o texto.

Assim, a crítica da resposta do leitor, como é frequentemente chamado este foco ou esta abordagem à interpretação, abrange uma série de abordagens que examinaremos, uma série de abordagens possíveis. Mas o foco principal de todas as

formas de crítica da resposta do leitor é que os leitores compreendam os textos. E, mais uma vez, o fracasso das abordagens centradas no texto e mesmo das abordagens centradas no autor em fornecer um significado objectivo dá agora origem a abordagens centradas no leitor, onde o significado deve ser o resultado da interacção do leitor com o texto.

É um leitor que dá sentido ao texto. De acordo com a abordagem centrada no autor, outra forma de dizer, de acordo com as abordagens centradas no autor, o texto teve uma vida que lhe foi dada pelo autor. O autor foi responsável pela vida do texto e pela produção do texto.

Assim, com abordagens centradas no autor, no texto, o autor deu vida ao texto. De acordo com abordagens centradas no texto, o texto tinha vida própria. Mas, de acordo com as abordagens centradas no leitor, os textos não têm vida até que os leitores lhes dêem vida através da leitura do texto.

Em outras palavras, o leitor é responsável por determinar o significado, por encontrar significado no texto, ou mesmo por criar significado no texto. O leitor é responsável por determinar o que se encontra no texto. Conseqüentemente, a crítica da resposta do leitor ou as abordagens da resposta do leitor à interpretação.

Novamente, sob esta abordagem, na melhor das hipóteses, o texto só tem potenciais de significado. O texto só tem o potencial de significado que o leitor deve agora descobrir ou criar. Por outras palavras, sob abordagens históricas, especialmente abordagens centradas no autor, mas remontando ainda mais precisamente a abordagens mais iluministas ou racionais, o leitor era muitas vezes visto como um observador objectivo, quase passivo.

Lembre-se de que falamos sobre alguns modelos: o leitor tendo a mente em branco ou sendo uma lousa em branco, esperando receber a percepção sensorial do texto, ou o leitor sendo como um espaço em branco, uma esponja seca, esperando para absorver os dados por meio de indução pura. raciocínio. Poderíamos simplesmente interpretar o texto com pura indução, e a nossa interpretação corresponderia ao que se encontra no texto. Assim, o autor era visto quase como um observador passivo.

Já nas abordagens de resposta do leitor, o leitor é mais ativo na leitura e interpretação do texto e é um agente ativo na criação de significado no texto. Agora, a maioria concordaria que há pelo menos duas, e eu acrescentaria talvez uma terceira abordagem que poderia surgir na categoria de crítica da resposta do leitor. E surgiram duas abordagens importantes, que pelo menos a maioria admitiria, duas abordagens possíveis para a crítica da resposta do leitor: uma abordagem mais conservadora, como é frequentemente rotulada, e uma abordagem mais radical.

Veremos isso em um momento. Mas penso que há também uma terceira abordagem, que é a de que a crítica da resposta do leitor poderia escolher concentrar-se no leitor histórico, ou seja, nos leitores originais a quem o texto se destinava. Então, alguém poderia fazer a pergunta: o que os leitores originais do livro de Isaías, ou os leitores originais do livro dos Reis, primeiro e segundo Reis, ou os leitores originais do livro de Mateus, ou da carta de Paulo aos Gálatas, o que os leitores originais teriam achado do texto? Como eles teriam entendido isso? Assim, a partir dessa perspectiva, a crítica da resposta do leitor poderia abranger os leitores históricos, os leitores originais do texto, e perguntar como o teriam compreendido e como teriam interpretado o texto.

Então, isso é uma espécie de crítica de resposta do leitor do primeiro século ou do século V aC, fazendo a pergunta aos leitores históricos. No entanto, mais proeminente na crítica da resposta do leitor tem sido o que alguns rotularam de uma

resposta do leitor mais conservadora, que é frequentemente associada ao crítico literário Wolfgang Iser, e o que ele sugeriu é o que alguns rotularam como uma resposta do leitor mais orientada por texto. , ou quase uma crítica de resposta do leitor guiada pelo autor ou abordagem de interpretação do texto. Ou seja, o próprio texto orienta o leitor sobre como o texto deve ser lido.

Em outras palavras, existem restrições quanto ao que o leitor pode fazer com o texto. Então Iser pensou que, sim, o autor, os leitores estão envolvidos no sentido e na descoberta do sentido, e deveriam usar a criatividade, mas há restrições impostas pelo próprio texto. Segundo Iser, os textos contêm lacunas, deixadas pelo autor, que o leitor é obrigado a preencher para dar sentido ao texto, e o leitor deve preencher essas lacunas para que o significado possa emergir do texto.

Mas, novamente, o próprio texto fornece as restrições sobre como isso ocorre. O próprio texto estabelece limites para o processo de leitura. Iser também introduziu a noção de leitor implícito, ou leitor ideal, ou seja, o leitor que é assumido pelo texto com o qual o leitor físico deve se identificar para ler o texto.

E, novamente, alguns chamaram isso de crítica de resposta do leitor guiada por texto ou de crítica de resposta do leitor guiada pelo autor. Ou seja, não é, o leitor não é totalmente autônomo, o leitor não é totalmente livre para fazer o que quiser com o texto. O significado e a leitura não são gratuitos, ou simplesmente o que está aos olhos de quem vê, mas o autor convida à interpretação criativa por parte do leitor.

Apenas como um exemplo interessante de como isso pode funcionar, especialmente em termos de preencher as lacunas do texto, é o que isso pode significar na leitura de algo, um texto como a narrativa do nascimento de Lucas, capítulo 2, ou o chamado Natal. história. E quando você pensa sobre isso e volta e lê, é interessante quantas lacunas tivemos que preencher para dar sentido ao texto. Então você

começa com um texto que coloca os eventos do nascimento de Jesus dentro da história greco-romana, de modo que começa naqueles dias em que César Augusto era o imperador do mundo, e então sai um chamado para a tributação do mundo inteiro em daquela vez.

E Quirino também é o governador da Síria durante esse período, o que estabelece o contexto histórico. Mas então o texto começa a avançar rapidamente e deixa uma série de lacunas que os leitores preencheram. Começa com José subindo da Galiléia, da cidade de Nazaré para a Judéia, finalmente para a cidade de Davi chamada Belém, e ele vem com Maria, sua esposa, que está grávida, mas então o próximo passo é, enquanto eles estavam lá, ela dá à luz uma criança.

Não diz nada, não diz nada sobre como foi a lacuna ou por quanto tempo, não diz nada sobre como eles chegaram lá. Muitas vezes preenchemos essas lacunas imaginando: Maria e José viajaram em uma caravana? Eles foram sozinhos? Muitas vezes construímos uma imagem de José conduzindo um burro junto com Maria. Maria deu à luz quando chegou imediatamente? Eles estiveram lá por um longo período de tempo? O texto não nos diz, e muitas vezes preenchemos essas lacunas.

Quando nos conta que o bebê estava enrolado em roupas e deitado numa manjedoura, não nos dizem como chegaram àquela manjedoura, não nos dizem onde fica. Novamente, preenchemos as lacunas construindo vários cenários, às vezes baseados na tradição, baseados em nossa própria experiência, de que em algum lugar havia uma manjedoura, um celeiro ou um galpão para onde Maria e José teriam ido, mas o texto não diga-nos quando eles fizeram isso ou por que fizeram isso. Devido a um erro de tradução de uma das palavras dos textos, muitas vezes imaginamos Maria e José indo para uma pousada, um hotel, mas não sobrou nenhuma vaga, e não nos dizem exatamente por que isso acontece, mas imaginamos

um cenário onde eles vá a um celeiro ou a um estábulo que tenha uma manjedoura onde Jesus finalmente nasceu.

Curiosamente, porém, a palavra traduzida é usada em outras partes de Lucas para se referir a um quarto de hóspedes. Então, é mais provável que Maria e José tenham ido para a casa de um parente e ficado no quarto de hóspedes? Além disso, não nos dizem que embora o bebê esteja deitado numa manjedoura, não nos dizem exatamente onde estava, não nos dizem que eles ficaram naquela manjedoura o tempo todo. Muitas vezes imaginamos Maria e José na manjedoura durante todo o tempo em que estão em Belém dando à luz Jesus, mas é possível que eles tivessem ficado no quarto de hóspedes e, quando chegasse a hora de dar à luz, eles teriam ido embora? para o único lugar isolado que encontraram, e seria uma manjedoura, ou, sinto muito, seria um estábulo que conteria essa manjedoura, esse comedouro .

Algumas descobertas arqueológicas sugeriram que isso pode ter sido apenas uma espécie de armário ou alpendre encostado na casa. Então, novamente, não nos disseram: Maria e José passaram o tempo todo lá? Eles estavam no quarto de hóspedes? E então o texto diz que quando chegou a hora de dar à luz, ela deu à luz um filho, deitou-o numa manjedoura porque não havia lugar no quarto de hóspedes. É possível que eles tenham ficado algum tempo no quarto de hóspedes, e então, quando as contrações se aproximaram e chegou a hora do parto, o quarto de hóspedes teria outras pessoas dentro, e estava muito lotado, e eles foram para o único lugar que teria alguma privacidade, e esse lugar era o estábulo.

Então, novamente, não somos informados exatamente. Existem muitas lacunas que necessariamente preenchemos para dar sentido ao texto à medida que o lemos. E, novamente, meu objetivo não é sugerir como devemos ler o Evangelho de Lucas e a narrativa, a narrativa do nascimento, mas demonstrar como, como leitores, preenchemos criativamente as lacunas e tentamos dar sentido à história em Lucas,

capítulo 2. Para dar alguns exemplos de uma abordagem mais conservadora à crítica da resposta do leitor, mais uma vez, usando principalmente exemplos do Novo Testamento, um indivíduo chamado Robert Fowler, um estudioso do Novo Testamento, analisou as narrativas de alimentação, a alimentação dos 4.000 e dos 5.000 em Marcos capítulos 6 e 8, e ele analisa do ponto de vista de um leitor que chega ao texto pela primeira vez e como é ler o texto pela primeira vez.

E uma abordagem comum, tanto em Marcos como nos outros Evangelhos, mas uma abordagem comum às narrativas de alimentação onde Jesus alimenta os 5.000 ou Lucas os 4 e os 5.000 é lê-lo num contexto eucarístico, é ter conotações eucarísticas, que é, tendo uma referência à Ceia do Senhor. Mas Fowler, mais uma vez, quer fazer a pergunta: como é ler o texto do ponto de vista de um leitor que o lê pela primeira vez? E ele chama a atenção para o fato de que a Eucaristia ou Ceia do Senhor só ocorre mais tarde na narrativa, no processo de leitura, e isso até chegarmos ao capítulo 14 de Marcos. Então, de acordo com Fowler, ele diz que é ilegítimo vir ao texto e lê-lo a partir da perspectiva de um leitor de primeira viagem para ler a alimentação dos 4.000 e dos 5.000 em Marcos a partir de um contexto eucarístico ou de um cenário eucarístico, uma vez que isso só ocorre mais tarde no processo de leitura.

Outro exemplo seria o livro do Apocalipse que pressupõe um leitor ideal. É como se o autor assumisse um certo leitor com quem ele deseja que os leitores, verdadeiros leitores literais, se identifiquem, e que seja aquele que é capaz de ler o livro do Apocalipse em constante relação intertextual com o Antigo Testamento. Portanto, o leitor ideal ou o leitor competente do Apocalipse que o autor assume é aquele que consegue estabelecer conexões com o texto do Antigo Testamento e que perceberá e captará as ilusões do Antigo Testamento e as conexões do Antigo Testamento que são encontradas no livro do Apocalipse. .

E, de fato, o autor às vezes parece até desenvolver a competência do leitor ao longo do livro do Apocalipse em referências abertas ao texto do Antigo Testamento. Uma maneira de descrever uma abordagem mais conservadora à crítica da resposta do leitor pode ser compará-la a um ponto a ponto. Alguns de vocês podem estar familiarizados às vezes com livros de colorir infantis ou às vezes em nossos jornais e em seções do jornal onde você encontra palavras cruzadas ou desenhos animados, você pode encontrar um ponto a ponto onde você encontra este espaço no livro e lá será uma série de pontos numerados e você será solicitado a conectar os pontos e então o que emerge é uma espécie de imagem.

Uma abordagem de resposta do leitor mais conservadora pode ser e tem sido comparada a fazer ponto a ponto. Os pontos estão aí, mas você, como leitor, deve conectá-los e os números o guiarão para conectá-los. Talvez uma analogia melhor seja que, para uma abordagem conservadora de resposta do leitor, esta não seja uma analogia perfeita, mas uma analogia pode ser um ponto a ponto que tem alguns pontos numerados, mas outros não, dando-lhe um pouco de liberdade para conectá-los e criar.

Em outras palavras, você é guiado. Existem restrições sobre o que você pode produzir, mas há um pouco de liberdade para produzir a imagem no final do dia. Em outras palavras, você não pode criar qualquer tipo de imagem que desejar, mas em vez disso você é guiado pelo próprio texto naquilo que descobre nele.

Para que não aconteça qualquer coisa. Portanto, essa é uma abordagem mais conservadora às críticas das respostas do leitor. Ainda enfatizando o papel do leitor, a criatividade do leitor, para preencher as lacunas na leitura de um texto, mas ainda colocando restrições sobre o que o leitor pode fazer conforme orientado pelo texto ou orientado pelo autor.

Uma abordagem mais radical à crítica da resposta do leitor está associada a um indivíduo em particular, um indivíduo chamado Stanley Fish. E Stanley Fish é mais conhecido, qualquer leitura que você fizer nas críticas das respostas do leitor, você será apresentado a Stanley Fish, que é mais conhecido por seu trabalho intitulado *Is There a Text in This Class?* Pode parecer um tanto estranho para o leitor casual ser formulado desta forma, mas isso atinge o cerne desta abordagem. Ou seja, os leitores criam sentido e, para ir ainda mais longe, os leitores criam textos.

Ou seja, segundo Stanley Fish, um texto e um significado não existem por si próprios. Portanto, diferentemente das abordagens centradas no autor, não há texto e significado criados por um autor. Ao contrário das abordagens centradas no texto, não existe nenhum texto, um texto autônomo que existe por si só.

Mas em vez disso, de acordo com as críticas radicais dos leitores, defendidas por Stanley Fish, não existe texto algum. Mas em vez disso, os leitores criam o texto. Daí o título de seu trabalho, *Existe um texto nesta aula?* A turma é responsável por criar sentido, por criar o texto.

Portanto, o significado está certamente nos olhos de quem vê ou do leitor. São os leitores que não apenas dão sentido ao texto, mas também criam texto. Eles determinam o que fazem com o texto ou o que fazem na interpretação.

Para usar a analogia de um ponto a ponto que usamos no último, se uma abordagem conservadora de resposta do leitor pudesse ser comparada a um ponto a ponto que tem alguma numeração para guiá-lo sobre como você os conecta, um radical a resposta do leitor teria pontos espalhados, ponto a ponto, sem nenhum número, que você poderia simplesmente criar sua própria imagem de acordo com o que deseja fazer. Ou outra forma de comparar outra analogia poderia ser o teste da mancha de tinta, em que alguém olha para ela e é questionado sobre o que vê. O que você vê

nesta série de manchas de tinta? Muitas vezes está nos olhos de quem vê, de quem está lendo.

Portanto, um texto pode ser visto como um monte de pontos espalhados que simplesmente se conectam de acordo com a maneira que se escolhe. Portanto, a maneira como você os conecta determinará a imagem criada. Então, por si só, os pontos não significam nada até que você os conecte e crie uma imagem.

Em comparação com quando analisamos, há várias sessões, algumas das raízes históricas da hermenêutica no Iluminismo e no período do racionalismo e da ênfase na razão humana, a interpretação era frequentemente vista como um sujeito que ganha domínio sobre um objeto. Houve uma divisão entre o sujeito, que é o intérprete, e o objeto, que é o texto. Sob a crítica da resposta do leitor à leitura, esta divisão entre sujeito e objeto, isto é, leitor e texto, é eliminada e dissolvida.

Em vez disso, o texto torna-se mais, para usar outra analogia, um texto torna-se mais parecido com um espelho. Simplesmente reflete quem eu sou e o que escolho ver no texto. Simplesmente reflete como percebo as coisas.

Reflete minha própria perspectiva que trago para o texto. Portanto, o texto como entidade, o texto como objeto separado, para Stanley Fish, sai de cena. Já dissemos que esta abordagem, em certo sentido, já foi antecipada por Immanuel Kant.

Falamos sobre ele em alguns de nossos estudos históricos da hermenêutica e da importante contribuição que Kant deu à interpretação. Mas, num certo sentido, esta crítica radical da resposta do leitor leva os insights de Immanuel Kant à sua conclusão lógica e extrema. Isto é, dissemos que Kant disse que tudo o que podemos saber é o que ele chamou de fenômenos.

Ou seja, tudo o que podemos saber é como percebemos as coisas. Não podemos saber algo como realmente é. Não podemos conhecer algo como ele é em si.

Mas o conhecimento é filtrado pelas grades e categorias que já estão presentes na mente. Em outras palavras, para Kant, então não se poderia ter certeza de que a compreensão e o conhecimento de alguém necessariamente se correlacionassem precisamente com objetivamente como algo realmente era. Então, novamente, quando olho para este livro, não posso ter certeza do que isso realmente é em si, mas apenas como o percebo.

Meu conhecimento e percepção disso são filtrados pela grade e pelas categorias da minha mente. Agora, para Kant, ele parecia pensar que geralmente os seres humanos tinham categorias semelhantes, são universais, semelhantes que lhes permitem compreender e dar sentido. Mas um peixe, uma crítica radical da resposta do leitor, leva isso ao seu extremo lógico e sugere-as porque as coisas não são porque não podemos conhecer algo em si e por si como é.

Stanley Fish disse, então não podemos conhecer um texto como ele realmente é. Mas, em vez disso, a nossa compreensão dele é determinada exclusivamente pela nossa percepção dele. E, além disso, ele sugeriu que cada pessoa, cada leitor, percebe as coisas de maneira diferente.

Então cada intérprete, de acordo com o peixe, então cada intérprete verá as coisas de forma diferente, de acordo com a perspectiva que traz para o texto. Novamente, o texto é como um espelho que reflete o que já trago para o texto. Segundo Fish, então, como só percebemos o texto como leitor, ele diria que a interpretação procede ao texto, primeiro o texto não existe, e depois o lemos, ele diria que a interpretação procede ao texto.

Portanto, sugerir que existe um significado correto do texto que posso obter aplicando os métodos adequados de interpretação, para ele é autoritário para autoritário. Você não pode me dizer o que posso fazer com o texto. Mas em vez disso, como leitor, eu crio significado.

Assim, por exemplo, alguém poderia sugerir que as diferentes abordagens milenares para interpretar Apocalipse 20, e os versículos um a seis, são o resultado de os leitores encontrarem o que desejam. Assim, os leitores entendem o texto e nenhuma interpretação é correta. Portanto, nenhuma interpretação da passagem milenar é a correta ou deve estar ligada ao que o autor pretendia, de acordo com esta abordagem.

Agora, uma questão óbvia que esta abordagem levanta é: existem limites ou restrições e significado ou é simplesmente gratuito para todos ou vale tudo? Stanley Fish sugeriu que o céu não é o limite, e nada acontece lá, ele sugeriu que existem restrições para uma interpretação correta. Mas a questão é: quais são as restrições? Quais são os critérios para uma interpretação correta? O que orienta ou restringe a interpretação? Segundo Stanley Fish, a resposta foi a comunidade interpretativa à qual alguém pertence. Portanto, a comunidade à qual pertencemos determina a forma correta de abordar o texto, ou determina os valores e as abordagens, as crenças que trarei para o texto e como o lerei.

Portanto, a nossa leitura é simplesmente uma extensão das crenças de uma comunidade, dos valores de uma comunidade, do seu interesse e da sua abordagem ao texto. Portanto, a leitura correta de um texto é, novamente, não aquela que está em conformidade com a intenção do autor, não é aquela que está em conformidade com o texto, mas aquela que está em conformidade e é determinada pela comunidade interpretativa à qual pertencemos. E novamente, alguém poderia perguntar: é por isso que os calvinistas leem o hebraico seis de uma certa maneira? Ou é por

isso que os amilenistas ou pré-milenistas leram Apocalipse 20 de uma certa maneira? Porque a comunidade a que pertencem determina o que encontram no texto.

Para dar alguns exemplos, muito, muito brevemente, de uma abordagem radical é ler uma resposta crítica. Vários intérpretes têm estado interessados em simplesmente ler, por exemplo, textos do Antigo Testamento como os Profetas à luz da ideologia marxista. Novamente, eles não estão interessados em tentar estabelecer o significado histórico do texto de acordo com o autor, mas ficam muito felizes em aplicar a ideologia moderna e o pensamento moderno e em ler isso no texto bíblico.

Ou outro exemplo interessante para voltar às parábolas da parábola do filho pródigo, o pai, o filho pródigo e o filho mais velho são vistos em uma abordagem interpretativa como correspondendo ao id, ego e superego de Sigmund Freud. E, novamente, o objetivo não é qual é o significado correto deste texto à luz do autor e do contexto histórico ou da estrutura do texto, mas simplesmente que o leitor crie significado no texto. E assim, quando esta abordagem é muitas vezes levada ao extremo, às vezes você encontra algumas leituras do texto bíblico muito diferentes e às vezes estranhas para nós.

Então, o que deveríamos dizer sobre esta abordagem em termos de avaliação, tanto pensando em abordagens mais conservadoras para ler uma resposta crítica, mas também em abordagens particularmente mais radicais para ler uma resposta crítica. Parece-me que a natureza subjetiva da abordagem, às vezes a natureza descontrolada, especialmente de abordagens mais radicais de resposta do leitor, estão certamente em desacordo com a visão do texto bíblico como a palavra inspirada de Deus, onde Deus pretende então comunicar um significado. aos seus leitores, onde ele espera que compreendamos, ele espera que respondamos em obediência. Abordagens radicais que relativizam completamente o significado do

texto como propriedade exclusiva do leitor parecem-me estar em desacordo com o texto bíblico, uma compreensão do texto como a palavra de Deus para o seu povo.

Deus agindo na história para se comunicar com seu povo e esperando que eles respondam em obediência. Portanto, uma das questões levantadas pela crítica da resposta do leitor é: existe algum significado fora de mim que sou responsável por descobrir? O texto é um espelho que simplesmente reflete o que trago para o texto, ou o texto é mais como uma janela onde há um significado que posso descobrir? Por mais suja que esteja a janela, por mais rachada que esteja, por mais turva que seja, ainda posso ver através dela e ainda há um significado fora de mim que Deus espera que seu povo descubra e ao qual responda de maneira adequada e em obediência. Em segundo lugar, a abordagem radical de Fish à crítica da resposta do leitor e à interpretação, de acordo com muitas avaliações, não leva em conta e não explica como alguém pode realmente mudar de ideia e de perspectiva como resultado da leitura de um texto.

Se o texto é apenas um espelho que reflete o que trago para ele e posso fazer com ele o que quiser, como é que alguns leitores são mudados e transformados como resultado da leitura de um texto? Isso até levanta a questão: por que um texto? Por que um autor escreveria um texto? Por que um texto, se tudo o que é, é um espelho que reflete o que penso e o que trago para ele, e o significado e a interpretação que já possuo. Em relação a isso, não só como explicar como os leitores são transformados, mas também como é que as pessoas, para usarem a linguagem da comunidade interpretativa, como é que alguém pode mudar, mudar ou mudar as comunidades interpretativas e as abordagens interpretativas? Parece que a crítica radical de Fish à resposta do leitor também não consegue explicar o novo insight obtido quando alguém lê um texto. Terceiro, fora das comunidades interpretativas, parece não haver forma de avaliar uma leitura boa ou má ou uma leitura boa ou mesmo melhor de um texto.

Na verdade, sob a abordagem de Stanley Fish, sob uma abordagem radical de resposta do leitor, como é que uma comunidade é autocrítica? Existe algum espaço para uma comunidade ser crítica de si mesma e da sua própria perspectiva e do seu próprio ponto de vista? Existe alguma maneira de outra comunidade de leitura ou de um texto desafiar a comunidade interpretativa de um leitor? Existem comunidades interpretativas boas ou más? Existem insights, leituras e práticas interpretativas boas ou ruins? O número quatro, apenas como um pensamento final de despedida, é a resposta do leitor. Os críticos, curiosamente, escrevem para serem compreendidos e para comunicar suas descobertas. Embora presumivelmente alguém pudesse perguntar se Stanley Fish era consistente e se sua abordagem de resposta do leitor poderia ser aplicada às suas próprias obras e interpretada à luz de como se queria, de modo que talvez eu pudesse ler as obras de Stanley Fish a partir de uma abordagem de leitor afirmando a intenção do autor de fato é uma maneira correta de interpretar e abordar os textos bíblicos. Mas há alguma contribuição das abordagens de resposta do leitor aos textos bíblicos? Qual poderia ser a contribuição das abordagens de resposta do leitor para a interpretação do Antigo e do Novo Testamento em particular? Em primeiro lugar, penso que as abordagens de resposta do leitor nos lembraram que não somos observadores neutros e objetivos e observadores passivos de um texto bíblico.

Não somos intérpretes indutivos puros, mais uma vez, simplesmente esperando para absorver dados, e intérpretes objetivos, simplesmente esperando que nossas tábulas em branco sejam escritas e inscritas no texto bíblico. Mas, em vez disso, chegamos ao texto com influências, pressupostos, perspectivas e compromissos que afetam a forma como lemos o texto. Pertencemos a comunidades e tradições que influenciam a forma como lemos um texto.

A questão, porém, a ser feita é: serão estes determinantes ? Será que isso necessariamente distorce a maneira como olhamos para o texto? É impossível, portanto, não existe nenhum significado fora de mim que não possa influenciar, mudar e transformar a maneira como penso? Será que isso inevitavelmente, minha perspectiva, meus valores, minha própria formação, etc., afetará inevitavelmente a maneira como leio o texto? Mas, em vez disso, o texto pode desafiar e transformar os leitores. Podemos descobrir significado fora de nós mesmos. Não estamos tão limitados pela nossa perspectiva e pelo nosso insight a ponto de não conseguirmos encontrar significado fora de nós mesmos.

Ou seja, o texto não é simplesmente um espelho que reflete o que trago para o texto e reflete a minha interpretação. Mas, em vez disso, é uma janela que, mais uma vez, por mais turva, por mais rachada ou suja que seja, ainda nos permite ver e ter uma visão de outro mundo e significado fora do nosso. Um segundo insight da crítica da resposta do leitor seria que o leitor está envolvido no processo interpretativo.

A crítica da resposta do leitor lembra-nos mais uma vez que o leitor não é simplesmente um observador passivo sentado à margem, simplesmente observando o que acontece, mas o leitor é ativo, está ativamente envolvido na descoberta do significado do texto. O leitor se envolve ativamente em um diálogo com o texto. E assim, o objetivo do leitor é, em alguns aspectos, descobrir e identificar-se com o leitor implícito no texto, com o leitor ideal que o próprio texto assume, que o autor assume.

Nosso objetivo é nos identificarmos com isso, não apenas nos tornarmos observadores passivos, mas também não simplesmente encontrarmos no texto o que já trago para ele. Ou seja, a comunicação não acontece. Em alguns aspectos, a comunicação não acontece até que todas as três facetas do processo de comunicação ocorram.

O autor produz um texto, mas um leitor o lê. É por isso que os autores escrevem, para comunicar ao leitor algo que ele entenda e seja apropriado. Assim, por um lado, a comunicação não acontece sem que o leitor interprete e dê sentido ao texto.

Um terceiro insight que penso nas críticas das respostas dos leitores é nos lembrar da necessidade de humildade. As críticas da resposta do leitor podem gerar humildade no leitor. Em vez de pensar que de alguma forma o fiz, posso absorver objetivamente os dados e chegar a uma interpretação que corresponda perfeita e automaticamente ao significado que o autor colocou no texto.

A resposta do leitor lembra-me a necessidade de abordar a interpretação com humildade, de reconhecer o perigo da minha própria miopia e dos pressupostos que trago para o texto. Isso me lembra da necessidade de estar aberto para ouvir outras perspectivas e outras leituras que possam desafiar as minhas. Exorta-me a estar aberto a ser desafiado pelo texto e a estar disposto a, como leitor, especialmente à luz do texto e de outros que o leram, ajudar-me a superar a minha própria biopia hermenêutica e a estar disposto a ver outras pessoas. perspectivas no texto que podem ajudar a descobrir pontos cegos em minha própria leitura, podem revelar minha própria tendência de impor minha própria perspectiva, percepções e valores ao texto.

Número quatro, e finalmente no que diz respeito à contribuição, penso que uma contribuição importante é lembrar que as abordagens de resposta do leitor podem ajudar-nos, lembrando-nos do papel do leitor histórico e do foco no leitor implícito, de que existem limitações ao significado. Existem limitações para o que encontro no texto. O leitor histórico, centrado no leitor histórico, pode ajudar-nos a descobrir o que o autor pretendia fazer com o texto no seu contexto original.

Um foco no leitor implícito pode nos ajudar a identificar o que o leitor presumiu no texto, o leitor ideal com o qual o autor presume que participaremos e com o qual nos associaremos. Assim, a partir dessa perspectiva e dadas essas sugestões, penso que a crítica da resposta do leitor tem muito a contribuir em alguns aspectos quando cuidadosamente abordada e controlada no processo de interpretação do texto bíblico. Para concluir, simplesmente resumindo como seria a abordagem do leitor, como seria a perspectiva do leitor ou qual poderia ser a abordagem apropriada do leitor ao texto.

Em primeiro lugar, ao abordarmos um texto bíblico como leitores, devemos reconhecer os pressupostos e pressupostos que trazemos para o texto e a possibilidade de distorcerem e influenciarem a forma como olhamos para um texto, influenciando para o bem e para o mal. Já sugeri que uma resposta comum de muitos cristãos à interpretação de um texto é sugerir, bem, eu simplesmente sento e leio o texto. Chego a isso com a mente aberta e leio o texto sem preconceitos ou pressuposições.

Eu simplesmente deixei o texto falar. Novamente, a dificuldade com essa abordagem é que ela provavelmente corre muito mais perigo de distorcer o texto, porque essa pessoa provavelmente não estará ciente de como suas suposições, predisposições, influências e valores terão de fato influência em como eles lêem o texto. Uma abordagem do leitor deve começar com a compreensão de que chegamos ao texto com suposições, valores e pressupostos como parte de comunidades interpretativas e isso influenciará a forma como lemos o texto.

Permite-nos ter consciência da possibilidade de distorção ou mesmo da possibilidade de como isso pode ser produtivo na forma como lemos um texto. Como veremos mais tarde numa sessão subsequente, às vezes estou convencido de que há certas pessoas, especialmente em países do terceiro mundo, especialmente aqueles que

lêem o texto bíblico a partir de uma posição de pobreza e de opressão e privação de direitos. que provavelmente lerá o texto de uma maneira mais próxima de como os autores originais o teriam lido. Ou seja, eles lêem a partir de uma situação muito próxima da situação do texto bíblico original e dos leitores originais.

Assim, às vezes, as pressuposições de alguém não distorcem necessariamente o texto, mas correspondem à situação, à situação original do texto, à situação original dos leitores. Pode ser produtivo e frutífero. Aprendi muito ao longo dos anos interpretando textos, aprendi muito com meus alunos de países do terceiro mundo que repetidamente me lembraram como e onde eu poderia estar lendo o texto ao ler no texto meu própria perspectiva do homem branco da classe média norte-americana do século XXI.

E às vezes é ouvindo aqueles que vêm de um país do terceiro mundo a partir de uma perspectiva de opressão, que lêem a partir de um local de deslocamento, lendo a partir de uma situação de pobreza. Eles podem estar em um lugar onde podem realmente entender melhor o texto porque às vezes estão em uma situação e contexto que corresponde mais de perto ao contexto original dos escritores bíblicos. E embora eu possa, mais uma vez, descobrir um ponto cego na minha própria leitura que pode demonstrar como a minha própria cultura e situação, novamente vivendo numa classe média ocidental norte-americana, num ambiente socioeconomicamente de classe média , pode afectar a forma como leio o livro. texto.

O que me leva também ao segundo, devo então permitir que essas suposições, pressuposições e valores da minha formação sejam desafiados e corrigidos pelo texto, e eu diria também por outras leituras do texto, por outras que possam estar em uma posição melhor para às vezes ouvi-lo. Preciso estar aberto a eles para permitir que o texto desafie e corrija. Terceiro, o que isso significa é que devo abordar o texto com humildade.

Não há lugar, novamente, para leituras autoritárias e autoritárias que simplesmente reafirmem e reafirmem meu poder sobre os outros e excluam outros que leram o texto. E finalmente, mais uma vez, como já disse, precisamos de ouvir, precisamos de ouvir as leituras dos outros. Precisamos permitir que as leituras dos outros corrijam nossa miopia na hora de interpretar um texto.

Assim, mais uma vez, creio que a crítica da resposta do leitor, quando utilizada com cuidado, é uma parte importante do processo interpretativo. Ajuda-nos a compreender como podemos, a nossa formação, influência, valores e cultura e até mesmo tradições teológicas ou comunidades às quais pertencemos podem influenciar a forma como lemos o texto. As críticas das respostas dos leitores lembram-nos, portanto, da necessidade de humildade, da necessidade de ouvir outras vozes, mas, ao mesmo tempo, precisamos de reconhecer que o texto ainda pode funcionar para nos corrigir.

Ainda existe um significado fora de nós que pode transformar, desafiar e corrigir a forma como pensamos. A crítica da resposta do leitor, especialmente formas mais radicais de crítica da resposta do leitor, então logicamente poderia ser levada ainda mais longe e especialmente a crítica radical da resposta do leitor logicamente movida para o que é conhecido como desconstrucionismo, ou seja, abordagens que vão ainda além das abordagens do leitor para descobrir que há simplesmente não há nenhum significado lá. O significado é completamente instável, os textos são instáveis e o resultado é que não há nada a que vincular o significado.

Não há centro. O significado então se torna um vale-tudo. Às vezes, equivale a pouco mais do que apenas brincar com o texto e fazer o que quiser.

Abordagens mais radicais à crítica da resposta do leitor começaram então a mover-se nessa direção. Portanto, na próxima sessão passaremos um pouco de tempo falando sobre o desconstrucionismo como uma abordagem de interpretação que se enquadra novamente no pós-estruturalismo. Examinaremos algumas das principais figuras que cercam isso e também avaliaremos o que pode contribuir para a hermenêutica e a interpretação do texto bíblico.

Quais são os perigos a serem evitados? E também apresentar brevemente abordagens ideológicas ao texto bíblico. Ou seja, já mencionamos isso, mas lendo textos de determinados locais e lendo o texto bíblico com a intenção de criticar sua ideologia, os valores e as perspectivas que o produziram. E novamente, focando especialmente, por exemplo, nas leituras feministas do texto bíblico.

E, novamente, apenas para apresentar a vocês o rumo que a hermenêutica e a interpretação estão tomando. E sempre com um olhar crítico ao perguntar qual poderá ser o valor dessa abordagem, mas também as deficiências e os perigos. Portanto, na próxima sessão nos voltaremos para o desconstrucionismo e também para uma espécie de incursão em abordagens ideológicas de interpretação.